

UTOPIA POSITIVISTA E INSTRUÇÃO PÚBLICA NO BRASIL

João Carlos da Silva*
UNIOESTE

Resumo: Augusto Comte (1798-1857), principal formulador do positivismo, exerceu importante influência no pensamento educacional brasileiro, colocando-se como a filosofia da indústria ao formular uma teoria política de organização da sociedade assim expressa. Sua máxima *O amor por princípio, a ordem por base, o progresso por fim* produziu um clima de grande entusiasmo pelo seu conteúdo de modernização das idéias. A idéia da unidade nacional em torno do projeto republicano constituiu, acima de tudo a concretização da expansão do capital. O ideário positivista não consistia em restringir a liberdade, mas visava garantir sua ampliação. A defesa de uma educação pública, com a presença marcante da mulher, estava direcionada para a instalação de uma ordem livre, cujo conteúdo estava carregado pela formação da moral. O vínculo entre saber e mudança social, fez-se presente no pensamento pedagógico no contexto republicano.

Palavras-chave: utopia, positivismo, educação

Abstract: The main formulator of positivism, Augusto Comte (1798-1857), had an important influence in the Brazilian educational thinking, placing it as the industry's philosophy when he formulated a political theory of society organization thus expressed. His doctrine, *Love as the principle, order as the foundation, and progress as the end*, produced a climate of great enthusiasm by its modernization content of ideas. Its dissemination in the educational field happened, in a generic way in the official documents, as a consequence of the educational reforms. The positivist set of ideas did not consist in restricting the liberty, but in guarantying its expansion. The defense of a public education, with the remarkable presence of women, is directed to the setting up of a free order, which content was carried by the building of the moral. The tie between the social changes became present in the pedagogical thought of the republican context.

Key words: utopia, positivism, education

* Prof. Ms. Colegiado de Pedagogia-UNIOESTE//Cascavel. Membro do Grupo de Pesquisa HISTEDBR-UNICAMP – GT- Cascavel. Doutorando na Área de História, Filosofia e Educação/UNICAMP. E-mail: jcsilva@unioeste.br.

O POSITIVISMO E A CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA

O positivismo teve em Augusto Comte (1798-1857) seu principal formulador, a partir de sua trilogia *Curso de filosofia positiva, Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo e Catecismo Positivista*, em que apresenta seus pressupostos teóricos, exercendo forte repercussão no pensamento educacional, colocando-se como a filosofia da indústria e formulando uma teoria política de organização da sociedade assim expressa em sua máxima: *O amor por princípio, a ordem por base, o progresso por fim*. Seguindo a tradição de seus contemporâneos, no início de sua vida intelectual, Comte identificou-se com as idéias do liberalismo político e econômico, a partir de John Locke e Adam Smith¹.

No Brasil, a entrada e expansão da doutrina positivista, no período republicano, deu-se na imprensa, no parlamento, nas escolas, na literatura e na academia, em suas diferentes formas de adesão, produzindo um clima de grande entusiasmo pelo seu conteúdo de modernização das idéias. Sua disseminação no campo educacional deu-se, de maneira mais genérica, nos documentos oficiais, por decorrência das reformas educacionais de Benjamin Constant (1836-1891), defensor entusiasta do ideário comtiano, ao lado de seus contemporâneos Sílvio Romero², Clóvis Bevilacqua, Teixeira Mendes, Miguel Lemos, Quintino Bocaiúva, Rui Barbosa, Euclides da Cunha³, que buscavam nos ideais comtianos elementos para formularem o projeto republicano.

O aparecimento das primeiras máquinas na industrialização, ainda que rudimentares no Brasil, indicava que a passagem pela escola devia ser um ritual no qual os cuidados com o corpo, a disciplina e a higiene deveriam ser os componentes fundamentais no processo de criação de uma nova cultura escolar até então inexistente. A educação escolar, que deveria atender a todos, pobres e ricos, crianças e adultos, torna-se sinônimo de disciplina do hábito, cujo objetivo estava em implementar uma pedagogia higiênica voltada à formação do futuro operário. Todos os indivíduos indistintamente deveriam passar pelos bancos escolares como para adquirirem a formação moral burguesa tão necessária aos objetivos da indústria emergente.

O espírito intelectual positivista produzia uma perspectiva otimista em relação ao futuro, cultivando uma esperança utópica de edificar uma nova realidade, por conta do desenvolvimento da indústria na Europa. Foram comuns, nesse período, a projeção e a formulação de modelos sociais. Os socialistas utópicos, foram exemplos de busca de sociedades-modelo de caráter reformistas idealizando uma sociedade justa. Benjamin Constant achava-se envolvido na luta teórica e prática pela instauração de uma nova proposta pedagógica, ou seja, de um novo conteúdo nas escolas, assumindo, em 1890, a função de *Ministro da Instrução Pública, Correios e Telégrafos*, cujo posto correspondia aos mais caros projetos políticos dos positivistas, tendo, finalmente a oportunidade de colocar em prática os ideais comtianos. A necessidade de formar um novo homem estava sempre presente nos discursos dos positivistas.

A questão moral, aos olhares dos positivistas, consistia no maior problema da humanidade no final do século XIX. Portanto, o processo educacional deveria centrar-se na melhoria da ética humana. As tensões sociais presentes na Europa por conta da Comuna de Paris (1871) eram compreendidas como sendo resultado de uma anarquia moral que

precisava ser corrigida. Urgia, no plano dos positivistas, uma renovação mental e social, como nas palavras de Comte (2000, p.40) (...) *a grande crise política e moral das sociedades atuais provêm, em última análise, da anarquia intelectual*.

A educação foi tema recorrente entre os positivistas, fazendo a defesa intransigente da formação humana. A idéia de ciência como salvação, no sentido que conhecemos atualmente, não foi exclusiva entre os positivistas. Desde Platão, sobretudo com os pensadores renascentistas, entre eles os utopistas, a questão do saber tem sido apontada como instrumento poderoso na construção da vida, atribuindo aos educadores um papel central. Esse fenômeno tem sido denominado de messianismo pedagógico, que predominou nas teorias pedagógicas desde o século XVI, especialmente com Francis Bacon (1561-1626), ao fazer a defesa intransigente de uma sociedade do conhecimento na sua máxima *saber é poder*⁴.

Assim, ao início da República no Brasil, os positivistas, defendiam uma reforma a sociedade, a partir de uma nova hegemonia política e social, através de um novo conteúdo, em que a formação da moral e do caráter deveriam ser ensinadas desde os primeiros anos da criança, devendo ser tarefa da família, especialmente da mulher como a primeira educadora, a valorização das primeiras manifestação do altruísmo na criança. Caberá à mãe, desenvolver na criança os primeiros ensinamentos sobre a compaixão, a liberdade, o altruísmo e a afeição. Portanto, a mãe torna-se um dos principais agentes da educação, pois é ela quem está presente nos primeiros anos da criança: (...) *É claro, portanto, que o ensino requer antes de tudo a organização da vida doméstica, de modo que a Mulher possa exercer plenamente a sua insubstituível função educadora. A escola primária é uma usurpação da função materna, e, por conseguinte, a mais grave das usurpações, a mais nociva à sociedade*. Constant interpretou a seu modo alguns princípios positivistas que, segundo ele, melhor se adequavam aos seus objetivos da República em torno de seus projetos reformistas, envolvendo os objetivos, conteúdos e métodos. O império do saber deveria substituir o uso da força, em que o poder tirano deveria ser corrigido por uma boa formação, pois somente o conhecimento poderia livrar os indivíduos dos equívocos, das ilusões e fantasias, cujo verdadeiro saber consistiria em valorizar a formação para alcançar uma vida justa, virtuosa e feliz. É através da virtude que se deveria adquirir o conhecimento capaz de livrar os indivíduos da miséria, das imperfeições e da opressão. A ignorância é, com frequência, apontada pelos positivistas como a causa principal dos problemas da condição humana.

A formação de professores deve ser fundamentada no altruísmo, na paixão e no sentimento cívico (MENDES, p.434). Estava em jogo a necessidade de estabelecer uma nova filosofia de educação, voltada à formação científica, em contraposição à filosofia católica que predominou desde o período colonial. Em o *Curso de filosofia positiva*, Comte expõe as leis dos três estados históricos⁵. O estado teológico, em que os homens buscaram explicações sobrenaturais aos fatos; o estado metafísico, instante em que ocorre uma explicação abstrata da natureza e o estado positivo, caracterizado pela subordinação da imaginação e da argumentação à observação. O conhecimento positivo corresponde a uma previsibilidade científica, através da valorização da técnica. Defendia uma escola livre, laica, através da substituição do currículo acadêmico por um currículo enciclopédico, com a inclusão das disciplinas científicas, como Matemática, Astronomia, Física, Química, Biologia, Sociologia

e Moral com forte inspiração positivista, com a finalidade de romper com a tradição pedagógica católica– humanista.

Tratava-se então de suprimir dos currículos aqueles elementos que ensejavam a formação cristã, incorporando uma doutrina que difundisse os valores do nacionalismo e da cidadania, dentro de um clima de entusiasmo patriótico, no sentido de lançar um movimento de construção de uma educação nacional com conteúdos que valorizassem o patriotismo, a moral e o caráter, visando despertar no futuro cidadão o amor à pátria. Mendes (1936, p.132) ao indicar o ideário educacional republicano, assim define a concepção de educação tão cara aos positivistas: *O bem público exige simplesmente saber ler e escrever e ser letrado; o bem público exige que se possuam conhecimentos reais e úteis sobre o mundo, a sociedade e o homem. Mas, acima, disso, e como condição imprescindível para isso, torna-se necessário que os que ensinam os que aprendem estejam animados realmente pelos sentimentos altruístas.*

UTOPIA POSITIVISTA E EDUCAÇÃO

Estava em curso a necessidade de fundar uma nova ordem a partir do ideário positivista considerada a mais adequada ao entendimento humano. Segundo Comte (2000,p.39): *Só a filosofia positiva pode ser considerada a única base sólida da reorganização social, que deve terminar o estado de crise no qual se encontram, há tanto tempo, as nações mais civilizadas.* Caberia exclusivamente ao Estado, dedicar-se na manutenção da ordem pública⁶. A incorporação do proletariado na sociedade moderna-industrial consistia em um dilema presente nos positivistas. Em Teixeira Mendes, em *O ideal republicano de Benjamin Constant*, caberia ao Estado resolver as questões sociais, mas possibilitar a instituição de uma ordem livre, devendo ser a instalação de uma ditadura republicana como forma de um governo transitória até a Europa e o mundo atingir a paz entre as classes (MENDES, op. cit. , p. 39). É através da reforma das mentes dos operários e dos industriais que será possível instituir uma ordem socialmente justa, ensinando-lhes os deveres a serem cumpridos.

Marcado pela idéia-força da ciência, do laicismo e da razão, o positivismo saiu em defesa de uma ciência livre, como condição imprescindível para garantir os valores da igualdade, justiça e fraternidade, ideais tão caros à Revolução Francesa. Assim, o ideário positivista é marcado por uma forte carga de otimismo e de esperança no futuro, a partir da exaltação da ciência e do saber com instrumentos de instalação de um novo mundo.

Para Comte (2000,p..37): *...necessidade de substituir nossa educação européia, ainda essencialmente teológica, metafísica e literária, por uma educação positiva, conforme ao espírito de nossa época e adaptada às necessidades da civilização moderna.* A filosofia comtiana idealiza um homem prático, empírico e empreendedor, através da valorização de uma educação utilitarista. Seguindo o ideário dos utópicos, entre eles Sant-Simon e Fourier, Comte via a necessidade de uma completa reorganização do saber e reforma intelectual. Comte (2000, p. 39) julgava o mundo moderno como uma época de desordem econômica, política, moral e intelectual, apontando, como solução, a necessidade de uma nova filosofia *Só a filosofia positiva pode ser considerada a única base sólida da*

reorganização social, que deve terminar o estado de crise no qual se encontram, há tanto tempo, as nações mais civilizadas. As obras de Augusto Comte não consistiram em tratados exclusivos sobre a educação. Entretanto, seus conteúdos expressavam uma profunda crença no processo educativo, ancorado numa ciência emergente, como instrumento de salvação da sociedade, ideal característico da concepção moderna de educação. Ciência, daí previdência; previdência, daí ação: tal é a fórmula muito simples que exprime, de uma maneira exata, a relação geral da ciência e da arte, tomando essas duas expressões em sua acepção total.

Na segunda metade do século XIX, o culto ao trabalho constituiu-se no principal ideário do mundo capitalista, cujo princípio foi exaltado pelo ideário positivista em seu hino ao trabalho⁷, inspirado pelo otimismo da livre concorrência e pela defesa das liberdades como fontes imprescindíveis para o progresso humano⁸. Este foi um período marcado por muita tensão, conflito e posições revolucionárias, em razão do processo de industrialização na Europa ocidental e da emergência de uma nova classe social que exigia mudanças. Existia uma profunda crença no poder da maquinaria como único instrumento para promover o progresso e o desenvolvimento entre as nações. As novas condições materiais produzidas pela Revolução Industrial provocaram profundas mudanças nas relações sociais entre os indivíduos.

Fundada sobre os alicerces do progresso, da democracia e do pensamento liberal, a República no Brasil, marcou o desenvolvimento e a disseminação do positivismo como doutrina de grande influência nos debates acerca da reorganização do ensino e sua função. Neste contexto, caberia à educação a nobre tarefa de auxiliar na formação de novos hábitos, da mente, caráter e de padrões morais. A educação, a partir da ação entre a família e a escola, poderia garantir a estabilidade social e política, possibilitando inclusive aliviar os efeitos das desigualdades sociais e econômicas. Em Comte, o conceito de educação se amplia ao considerar que o processo de formação não se realiza somente na escola, mas ela deve começar na família, tendo a mulher como agente principal.

Projetava-se a organização de edifícios escolares que visava à *higiene escolar*, justificando a necessidade de um corpo escolar saudável que respirasse bem, que enxergasse bem, que se locomove bem, que desse higienicamente fim aos dejetos de limpeza e, finalmente, que seja controlado através da interiorização das noções de ordem e de progresso, ideais tão caros ao ideário republicano. No espaço - escola tem-se o lugar para aprender, produzir efeitos de realidade nos discursos que ela carrega: ministrar o ensino. Isso torna o espaço-escola supervalorizado pela sociedade que a elegeu como uma instituição privilegiada de ensino.

A partir desta idéia, as escolas passaram a ser construídas no sentido da busca da luminosidade, higiene, liberdade, como espaço cultural que uniformize a disciplina, em que os professores deveriam priorizar, em seus trabalhos escolares, a formação de hábitos e disciplinas, pois neste método permite-se economizar trabalho e tempo, portanto, surgem mais resultados, tão caros à produção capitalista. A arquitetura escolar também passou a ser diferenciada, desde o século XIX, de outras instituições, como hospitais, prisões e Igrejas.

A presença do positivismo no Brasil certamente deixou marcas na constituição da organização das instituições políticas, entre elas uma cultura autoritária, a propriedade como algo sagrado, política pacifista, exaltação das datas comemorativas, educação

moral e cívica. Os positivistas revelavam um profundo entusiasmo pelo processo educacional, fazendo da instituição escolar um campo de expectativas. Neste prisma, o pensamento positivista reafirmou e consolidou para as sociedades modernas um antigo mito: o do demiurgo educacional.

O positivismo era considerado a única doutrina capaz de demonstrar que as grandes transformações sociais se devem operar pacificamente. Suas propostas indicavam a necessidade de implementar um conjunto de reformas educacionais, como instrumento de modernização da sociedade brasileira. A defesa da unidade nacional em torno do projeto republicano constituiu, acima de tudo, a concretização da internacionalização do capital. Como vimos, o ideário positivista não consistia em restringir a liberdade, mas visava garantir sua ampliação. A defesa de uma educação pública, com a presença marcante da mulher, estava direcionada para a instalação de uma ordem livre, cujo conteúdo estava carregado pela formação da moral. A mãe deve ser o primeiro agente a educar os futuros cidadãos, ensinando hábitos de boa conduta e de boa higiene.

O vínculo entre saber e mudança social fez-se presente no pensamento pedagógico no contexto republicano. Benjamin Constant é o principal defensor desta idéia, marcadamente reformista, tendo a frente à escola como elemento dessa transformação. Seus ideais exaltaram o conhecimento como tendo o poder de organização e construção de uma sociedade educativa, tão caros aos utopistas renascentistas.

Notas

¹ Sobre as influências do positivismo comtiano Cf. BENOIT, L. O. **Sociologia comtiana: gênese e devir**. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

² Silvio Romero (1851-1914) advogado, foi influenciado pelo positivismo comtiano, e pelo cientificismo de Spencer e pelo evolucionismo de Darwin, ao aceitar uma evolução linear da história humana, tendo como ponto final a sociedade européia. Ele está convencido da inferioridade racial do Brasil, ao tentar elaborar uma teoria que possibilitasse a integração do brasileiro no desenvolvimento racial da humanidade. Ele busca na literatura as raízes populares da raça brasileira. Ele combate o romantismo, pois este enaltece o romantismo indianista. Considera que o índio não é brasileiro, pois aquilo que se esperava dele não é o que ele é.

³ Euclides da Cunha (1866-1909), formação positivista, republicano convicto, frequentou e formou-se pela Escola Militar, tendo Benjamin como professor. Em *Os Sertões*, descreve a *Terra*, o *Homem* e a *Luta* a partir do embate entre os fanáticos de canudos e as tropas do governo. Ao descrever, de maneira dramática, o semideserto no interior do Nordeste brasileiro, Euclides da Cunha, muitas vezes, confunde raça e nação ao tentar caracterizar o tipo brasileiro. Valoriza o sertanejo (jagunço) *rocha viva da nacionalidade*, como o novo típico brasileiro, uma nova constituição da raça brasileira, e não o mestiço, pois este muitas vezes expressa fragilidade e instabilidade de comportamento. Portanto, no Brasil não temos unidade de raça.

⁴ A idéia de que saber é poder foi aforisma formulado por Bacon em seu *Novum Organum*. Este ideário é recorrente entre os positivistas comtianos.

⁵ Cf. COMTE. Augusto. **Curso de filosofia positiva**.

⁶ Cf. MENDES. T. **O ideal republicano**, p.55.

⁷ Cf. MENDES, T. **Ensaio sobre o culto público: hino ao trabalho**.1927.

⁸ Cf. MILL, S. **Sobre a liberdade**. p. 56.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIAS

BENOIT, L. O. **Sociologia comteana: gênese e devir**. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COMTE, Augusto. **Curso de filosofia positiva**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

_____. **Catecismo positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

_____. **Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

MENDES, T. **O ideal republicano de Benjamin Constant**. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Commercio, 1936

LINS, Ivan. **História do positivismo no Brasil**. São Paulo, Nacional, 1967.

MARX & ENGELS. **Obras escolhidas**. São Paulo: Alfa Ômega, (s.d.)

MILL, J. S. **Sobre a liberdade**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1991.

SMITH, A. **A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas**. São Paulo: Abril Cultural, 1993.